



Ciclo de Debates sobre Jornalismo Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

A representação do atleta paralímpico na mídia paranaense

Paulo Cezar de Siqueira¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo entender como os atletas paralímpicos são representados na mídia paranaense, de Curitiba e Região Metropolitana. A fundamentação teórica desta análise é embasada na teoria das representações sociais, da construção social da realidade e dos estigmas sociais. Para entender a representatividade dos paratletas é feita uma análise do conteúdo digital do jornal Gazeta do Povo, publicado durante as Paralimpíadas de Londres, em 2012. As primeiras conclusões apontam para traços estereotipados dos paratletas de Curitiba e Região Metropolitana. Ideias como a de que o paratleta seja um super-homem, uma pessoa diferente e termos que demonstram inferiorização são apontadas nos textos analisados.

Palavras-chave: Paralímpicos; Paralimpíadas; representações sociais; estereótipos, Curitiba.

Introdução

A imprensa, ao publicar informações nos diferentes veículos de comunicação, transmite não apenas notícias sobre determinados setores da sociedade, sejam culturais, políticos ou filosóficos, mas também difunde uma imagem carregada de valores sociais sobre pessoas ou grupos, que é inserida dentro do contexto das reportagens.

No caso dos deficientes, podem-se transmitir ideias “vestidas” de estereótipos. São essas ideias estereotipadas, que têm como base o preconceito, que determinam como essas pessoas serão, ou não, inseridas na sociedade, o que influencia na qualidade de vida do deficiente.

¹ Paulo Cezar de Siqueira - Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade Integrada do Brasil (UniBrasil). E-mail: paulodesiqueira@gmail.com



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

Para Devine (apud PEREZ, 1989, p.5), existem duas maneiras de se deparar com estereótipos: a ativação controlada e a ativação automática. A ativação automática é quando não se tem controle. Ao deparar-se com uma pessoa, imagens com bases culturais muito enraizadas vêm à mente. Porém, ao se perceberem essas imagens, tem-se a possibilidade de usar a reflexão de forma consciente para reavaliar a primeira impressão que veio à mente sobre determinada pessoa ou grupo. Isso seria a ativação controlada, uma espécie de freio dos preconceitos e estereótipos que chegam à mente. Para buscar uma reflexão do contexto social e reavaliar a visibilidade das pessoas com deficiência na mídia paranaense, pretende-se, nesse artigo científico, entender e discutir qual a representatividade do atleta paralímpico de Curitiba e Região Metropolitana na mídia da região. Para isso, propõem-se uma análise das notícias do Jornal Gazeta do Povo, do grupo GRPcom, em Curitiba, acerca dos atletas paralímpicos das Paralimpíadas de Londres em 2012.

Conceito de estereótipos

De acordo com Rodrigues, Assmar e Jablonski (1999, p. 151), o ser humano busca modos simplistas para compreender o complexo universo que o envolve. Com essa atitude, pretende encontrar maneiras de “agilizar” a visão de mundo, poupar tempo e energia. Essa forma simplista, ou “atalho”, gera uma boa dose de estereotipagem de grupos ou pessoas. Quando, por exemplo, se ouvem piadas sobre baianos ou frases como: “é coisa de baiano!” ou “mais uma baianada!”, percebe-se um alto grau de estereotipagem nelas, sem contar o preconceito, que tem como base de sustentação o estereótipo.

Ao se escutar um professor afirmar que determinado aluno é “esforçado”, pode-se entender não como um elogio, mas, que o aluno se esforça para conseguir compensar uma possível inferioridade intelectual (RODRIGUES, ASSMAR E JABLONSKI, 1999, p. 151).

Da mesma forma, a frase “o que é capacidade no homem vira sorte na mulher”, revela um alto grau de estereotipagem. Lê-se nela que a mulher sempre trilhará caminhos com mais obstáculos, ou simplesmente, se ela é bem sucedida, não o foi por



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

sua capacidade, mas por um puro golpe de sorte (RODRIGUES, ASSMAR E JABLONSKI, 1999, p. 151).

Estereotipar alguém, ou um grupo, significa que “através de um comportamento funcional encontra-se uma maneira de resumir o outro a “trajes típicos”, muitas vezes equivocados” (RODRIGUES, ASSMAR E JABLONSKI, 1999, p. 152). Da mesma forma, quando os jornais mostram reportagens com um tom de “coitados”, ou de admiração pela superação do paratletas, os estão rotulando, os resumem a um estereótipo de pessoas deficientes. Quando somente se aponta o atleta como um super-herói, que para conquistar uma medalha teve que superar sua “doença”, quando o pódio se transforma em um símbolo da superação da deficiência, desconsiderando todo o esforço em treinamentos que o atleta fez para estar em uma paralímpiada competindo, veste-se nele o “uniforme da deficiência” (RODRIGUES, ASSMAR E JABLONSKI, 1999, p. 152).

Os estereótipos podem ser corretos ou incorretos, positivos, neutros ou negativos. O fato de, num primeiro momento, facilitarem as reações frente ao mundo, esconde a realidade de que, na maioria das vezes, estereotipar pode levar a generalizações incorretas e indevidas, principalmente quando você não consegue “ver” um indivíduo com suas idiossincrasias e traços pessoais, por trás do véu aglutinador do estereótipo (RODRIGUES, ASSMAR E JABLONSKI, 1999, P. 152).

Deficientes e a mídia

Como aponta Pereira, Pereira e Monteiro (2011, p. 204), para compreender o significado da deficiência é necessário buscar informações na Idade Média. Lá se percebe que os deficientes eram vistos como pessoas de extrema maldade, “possuídas por demônios”. Eram, por esse motivo, excluídas, (CORREIA apud PEREIRA, PEREIRA E MONTEIRO, 2011, p. 204). Também se os retratavam como resultados de uma causa sobrenatural, e que, por causa disso, “se tornaram deficientes”. Por esta maneira de pensar, a sociedade os excluía, os isolava e os perseguia. Eram vistos como pessoas vergonhosas. Muitos deles viviam em completo isolamento, para justamente fugir da sociedade identificada como “normal” (BARNES apud PEREIRA, PEREIRA E MONTEIRO, 2011, p. 204).



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

Já na Idade Moderna ou no período da Revolução Industrial, as pessoas com deficiência eram vistas como seres que não tinham utilidades comerciais, que não contribuíam para a economia da sociedade onde estavam inseridas (HUNT apud PEREIRA E MONTEIRO, 2011, p. 205). Com a ideia de as pessoas com deficiência serem um problema social e com o avanço da medicina, surgem as condições “apropriadas” para retratar a deficiência como uma patologia que deveria ser “tratada”. Esse é o modelo médico, uma das maneiras de olhar a deficiência, que busca curar, busca medicar a deficiência e não vê-la como uma questão social, mas sim individual e biológica.

Não obstante, o pressuposto essencial deste modelo é de que o biológico determina o social e que o indivíduo terá de se adaptar ao meio. Apesar de reconhecer constrangimentos sociais, o modelo médico não reconhecia a associação da doença à opressão e à exclusão social sistemática, baseando-se nos diagnósticos e soluções médicas e focando a deficiência e o indivíduo (BARNES E MERCER apud PEREIRA, PEREIRA E MONTEIRO, 2011, p. 204).

Este modelo visualiza a pessoa com deficiência como o “outro” e seu olhar de cura da deficiência está embasado no conceito de “corpo perfeito”. Esse é o olhar negativo da deficiência, olhar que se torna uma representação social da mesma, algo que tem que ser curado antes de o deficiente ser inserido na sociedade (GABEL e PETERS apud PEREIRA, PEREIRA E MONTEIRO, 2011, p. 205).

De acordo ainda com Pereira, Monteiro (2011, p, 204), para ir de encontro ao modelo médico de olhar a deficiência, que tem uma visão limitada e parcial da inserção das pessoas com deficiência na sociedade, surge então o modelo social da deficiência. Esse modelo propõe que a própria sociedade é que deve oferecer as maneiras para que esse “outro” se insira na sociedade e para que se quebrem as barreiras dos preconceitos relacionados às pessoas com deficiência. Ele propõe que o coletivo, as estruturas da sociedade e a própria sociedade resolvam as necessidades de inserção social das pessoas com deficiência, porque ela é a maior culpada do isolamento e da não inserção dessas pessoas. Propõe então quebrar-se o frio paradigma de que o deficiente é um “problema” médico (HUGHES apud PEREIRA E MONTEIRO, 20011, p.205).

Os defensores deste modelo afirmam que a deficiência não é algo que existe somente em nível individual, mas também em nível social, sendo a sociedade a principal



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

responsável na impotência das pessoas com deficiência em conseguirem ter uma vida idêntica a das pessoas sem deficiência. Neste contexto, o problema da deficiência está não só na própria deficiência e nos seus efeitos, como também na área da relação pessoal e social (HUNT apud PEREIRA, PEREIRA E MONTEIRO, 2011, p. 204).

Pereira e Monteiro (2011, p. 205) também analisam que é a sociedade que classifica o “outro” como deficiente e o faz de um prisma dos não deficientes. Por isso tem raízes preconceituosas e estereotipadas. Por fim, os autores finalizam apontando que tanto o modelo médico quanto o social são importantes para os deficientes, porque se um é limitado na sua visão social, dá cuidados médicos, terapêuticos e psicológicos aos deficientes. O outro, por sua vez, rompe com as barreiras que impedem a inserção das pessoas com deficiência na sociedade e propõe que tenham uma vida igual a das pessoas sem deficiências.

Ainda de acordo com os autores, a mídia é importante na sociedade porque além de influenciar opiniões, consegue atingir grupos sociais e discutir os problemas que tangem tais grupos, de forma aberta, com toda a sociedade. Os autores afirmam ainda que se a sociedade tem conhecimento dessa parcela de pessoas com deficiência - que no Brasil soma 27 milhões de pessoas, ou 14,5% da população, segundo o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - é graças aos meios de comunicação, que a trazem à tona e constroem até mesmo sua imagem. Porém, a questão é: como essa imagem é construída?

Essa influência pode, por um lado, melhorar nosso conhecimento, alertando-nos para as questões da deficiência, mas, por outro, promulgar, através da falta de informação, o reforço de estereótipos, que nos fazem olhar para essas pessoas com “compaixão” ou como “sofredoras” (AUSLANDER e GOLD, apud PEREIRA E MONTEIRO, 2005. p. 205).

Os autores consideram a mídia como chave para aprimorar a atitude da população em relação às pessoas com deficiência, porque que é ela que vai promover a discussão do tema visando uma mudança de atitude, e que também vai levar a informação que afeta as normas para que as pessoas com deficiência vivam uma vida plena, no sentido de participação na sociedade (BYRD e ELLIOT apud PEREIRA E MONTEIRO, 2005, p. 204).



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

Porém, ao distorcer a experiência da deficiência, a mídia contribui significativamente para a discriminação das pessoas com deficiência, reforçando de várias formas as atitudes negativas ao seu redor (BARNES apud PEREIRA E MONTEIRO, 2005, p. 205).

E ainda, a mídia, ao distorcer a experiência da deficiência - no caso deste artigo, o processo de transformação da pessoa com deficiência em um paratleta - cria modelos estereotipados de pessoas que são retratadas como vítimas, pessoas inferiorizadas. Ao mesmo tempo, cai para o outro extremo, mostrando-as, por vezes, como “super-humanos” que venceram as mais profundas limitações em competições, como, por exemplo, os Jogos Paralímpicos. Esses estereótipos, mesmo no caso positivo, como o exemplo dos super-humanos, reforçam a visão do modelo médico, que considera o deficiente como um problema clínico, tratável, e que, ao ser superado, rende-lhe o mito de herói. Nesses dois extremos, os deficientes que são tachados de vítimas ou super-heróis ficam representados por essa aura irreal, falsa, ou estereotipada.

As representações sociais e a construção social da realidade

As representações sociais foram usadas nesta análise para se verificar quais foram as imagens das pessoas com deficiência veiculadas pelo jornal Gazeta do Povo em sua edição digital, durante os jogos Paralímpicos de 2012, em Londres.

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana. É uma forma cognitiva da atividade mental desenvolvida por indivíduos, ou grupos, para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concerne (SÊGA, 2000. P.01).

Serge Moscovici, em 1961, fez um resgate do conceito de “representações sociais” de Émile Durkheim. Moscovici. Com esse resgate, teve o propósito de observar e designar fenômenos, em toda sua complexidade, seja ela individual ou coletiva, psicológica ou social (SÊGA, 2000. P.01).

A representação iguala toda imagem a uma ideia e toda a ideia a uma imagem. Dessa maneira, em nossa sociedade, um “neurótico” é uma ideia associada com a psicanálise, com Freud, com o Complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, nós vemos o neurótico



Ciclo de Debates sobre Jornalismo Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

como um indivíduo egocêntrico, patológico, cujos conflitos parentais não foram ainda resolvidos (MOSCOVICI, 2003, p. 46).

Ainda de acordo com Moscovici (2003, p.46) a mídia, ao publicar notícias e informações da sociedade, acelera a mudança das crenças, da maneira de ver o mundo do indivíduo social e, como consequência, pode alterar as representações de uma sociedade. Essa alteração se dá através do diálogo da imprensa com o indivíduo social e a própria sociedade.

Dentro dos estudos das teorias sobre a construção social da realidade, encontram-se explicações sobre a construção de estereótipos. Berger e Luckmann (2002, p. 77) apontam que ações frequentes moldam um padrão. E que, se esse padrão pode ser repetido, com certa economia de esforço, cria-se a partir daí um hábito. Os autores revelam que as atividades humanas estão submetidas a padrões, a hábitos nascidos pela repetição de ações e “o hábito implica, além disso, que a ação em questão pode ser novamente executada no futuro da mesma maneira, com a mesma economia. Isto é verdade na atividade não social assim como na atividade social” (p.77). Ou seja, atitudes repetidas criam padrões, hábitos e, também, identidades sociais. Os hábitos levam ao estreitamento de opções para realizar determinadas coisas, mesmo que para isso haja várias maneiras de fazê-lo. Repete-se então, a ação, da maneira mais cômoda e fácil. Essa maneira “cômoda” de fazer a mesma coisa sempre, acaba trazendo uma espécie de alívio ao indivíduo. Citando o autor, “ele retira de si a carga psicológica de tomar uma decisão” (BERGER e LUCKMANN, 2002, p. 77).

Paratletas de Curitiba e Região Metropolitana

Para se entender melhor o fenômeno social que envolve estereótipos, preconceitos, paratletas de Curitiba e Região Metropolitana e a mídia, buscou-se realizar uma análise das matérias publicadas pelo Jornal Gazeta do Povo, edição digital, durante as Paralimpíadas de Londres 2012. A escolha dessa empresa de comunicação deu-se porque ela, a convite do Comitê Paralímpico Brasileiro, enviou um jornalista



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

para cobrir o evento. Como a proposta deste artigo tem como tema central paratletas de Curitiba e Região metropolitana, julgou-se importante escolher um jornal da região que produzisse as matérias dos jogos. Dessa forma, buscou-se verificar as estratégias discursivas utilizadas pela imprensa local ao noticiar o acontecimento – o que não poderia ser observado, por exemplo, nos materiais enviados por correspondentes estrangeiros ou agências de notícia.

No processo de coleta de material, o jornal digital foi escolhido porque essa mídia, hoje, supera o jornal impresso em número de acessos. São 3,4 milhões de acessos mensais, contra 800 mil leitores mensais do jornal impresso. Além disso, todas as matérias do jornal impresso são reproduzidas no jornal digital.

Em um primeiro momento, utilizou-se um método de pesquisa quantitativo, no intuito de aclarar a incidência de matérias publicadas e qual a visibilidade que o jornal deu aos paratletas paranaenses em Londres.

De acordo com Moreira (apud MOTTA, 2002, p. 237), “o método de pesquisa quantitativa envolve tipicamente mensurações precisas, controle rígido de variáveis e a análise estatística, tende a focar na análise das partes dos componentes de um fenômeno”.

O período apurado foi entre os dias 29 e agosto de 2012 e 09 de setembro de 2012, tempo de duração das Paralimpíadas em Londres. O número de matérias veiculadas no site do jornal foi de setenta e duas. Dessas, doze foram produzidas por agências de notícias de outros estados, somando um percentual de 12,5%. Quatro não tinham assinatura de redator, com um percentual de 5,55%. As matérias produzidas pelo jornalista da Gazeta do Povo em Londres foram cinquenta e seis, somando 77,77%.

No primeiro momento da análise, percebeu-se que das cinquenta e seis matérias produzidas pelo jornal, quarenta e cinco, somando um total de 80,36%, tinham como foco atletas de outros estados e de outros países. Dos textos, dois eram artigos²,

² No artigo jornalístico, o autor analisa um fato de um determinado contexto da sociedade e expõe o resultado de sua análise em determinado espaço midiático de forma implícita ou explícita (...). RANCESCHIN, 2005, p.1)



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

somando um total de 3,57%. Oito reportagens e uma nota,³ com um total de 16%, abordavam informações sobre os paranaenses que competiam em Londres.

Os números evidenciam que o jornal Gazeta do Povo deu maior destaque a paratletas que não são do Paraná, onde o veículo de comunicação está inserido. Depois desta análise quantitativa, partiu-se para a análise qualitativa, porque:

Os pesquisadores, ao empregarem métodos qualitativos, estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social; buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo-objeto do estudo que implique melhor compreensão do fenômeno (NEVES, 1996, p. 1).

Além do mais, ao se buscar informações através do método qualitativo, pretende-se capturar os “significados que as pessoas dão às coisas e à sua vida” (id).

Para esta análise qualitativa foram selecionados onze textos, somando 15,27% dos setenta e dois materiais publicados pelo jornal sobre as Paralimpíadas de Londres. As outras sessenta e uma notícias, reportagens ou notas citadas na pesquisa quantitativa falam de atletas de outros estados ou países, e por isso não foram selecionadas para a análise qualitativa, visto que o foco desta análise volta-se aos paratletas paranaenses.

Entre estes onze textos se incluem dois artigos, que foram enquadrados à grade dos textos analisados porque o conteúdo não é dirigido especificamente a atletas de outros estados ou países. Nos artigos, encontra-se a opinião e a maneira de pensar do autor, que se tornaram importantes à análise. A estratégia adotada foi a de buscar nos textos escolhidos palavras ou frases que possam associar a figura da pessoa com deficiência à admiração, ao sentido de piedade ou inferioridade porque, segundo Moura (apud NOVAIS e FIGUEIREDO, 1993, p.46), esse olhar “parte de um único princípio: o preconceito”. Para a análise, as matérias são colocadas em ordem numérica de acordo com a cronologia de publicação.

1- Vovó comanda legião paranaense do tênis de mesa.	Data da publicação: 29/08/2012 Autor: Adriano Ribeiro	O título: “Vovó” comanda... , denota um sentido de pouca
---	---	--

³ “Uma nota jornalística é uma notícia que se caracteriza pela brevidade do texto, ou pequena notícia que se destina a informações rápidas” (ANDRADE E MEDEIROS apud FIGUEIREDO, 2001, p. 110).



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

		importância e inferioridade ao esporte paralímpico.
2- Nota: Paranaenses.	Data da publicação: 31/08/2012 Autor: Adriano Ribeiro	Nota foca os resultados. Não inferioriza e foca nos atletas.
3- Paranaense realiza em Londres sonho adiado.	Data da publicação: 01/09/2012 Autor: Adriano Ribeiro	Apresenta o atleta e sua deficiência. Não inferioriza e foca nos atletas.
4- Eliseu dos Santos brigará por vaga na fina da bocha.	Data da publicação: 02/09/2012 Autor: Adriano Ribeiro	Foca os resultados. Não possui tom de admiração e piedade.
5- Jogos “potencializam” passatempo.	Data da publicação: 02/09/2012 Autor: Adriano Ribeiro	Título da matéria – Jogos potencializam “passatempo” deprecia o paradesporto. Há preconceito nesse título. Associa a bocha a um passatempo. Foca os resultados.
6- Paranaense dedica ouro na bocha ao filho recém-nascido.	Data da publicação: 04/09/2012 Autor: Adriano Ribeiro	Foca o resultado. Dá destaque à deficiência. Aborda o contexto da história do atleta e o esforço para chegar às Paralimpíadas. Não foram encontradas palavras que levassem a inferioridade.
7- Eliseu espera chegar à semifinal e melhorar marca em Pequim.	Data da publicação: 06/09/2012 Autor: Adriano Ribeiro	Matéria foca o resultado dos jogos... Não se encontraram palavras que levassem a uma inferiorização. Foca na conquista do atleta.
8- Paranaense Eliseu dos Santos ganha o bronze na bocha.	Data da publicação: 08/09/2012 Autor: Adriano Ribeiro	Foca os resultados e destaca o esforço – treinamento- para se chegar às Paralimpíadas.
9- Paranaense perde para o mesmo algoz e vê reprise de Pequim.	Data da publicação: 08/09/2012 Autor: Adriano Ribeiro	Foca o resultado. Não se encontraram palavras que levassem a inferioridade.

Tabela 1: análise das matérias sobre os paratletas paranaenses no jornal Gazeta do Povo.



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

Ao se analisar as notícias do jornal Gazeta do Povo sobre as Paralimpíadas de Londres 2012 e os paratletas paranaenses, percebe-se que o repórter do jornal retrata os paratletas usando as ferramentas do jornalismo convencional diário. Ou seja, o recorte da notícia é feito através do *lead*⁴. Seis matérias são focadas nos resultados, assim como todos os jornais, televisões e rádios concentram sua atenção em qualquer jogo esportivo, seja olímpico, paralímpico, Copa do Mundo de Futebol, Campeonato Brasileiro de Futebol, etc. Não se percebe nelas o sentido da admiração e piedade. O objetivo de uma cobertura jornalística esportiva da mídia convencional é o resultado. São as medalhas, as derrotas – com as quais o atleta representa o seu time, cidade, estado ou país. Se os resultados são o foco da mídia esportiva convencional nas coberturas jornalísticas, não seria diferente na cobertura dos jogos Paralímpicos. Porém, em duas reportagens o repórter (ou o editor da página de esportes) “deixa escapar” ideias estereotipadas sobre as pessoas com deficiência.

No título da primeira matéria analisada, “*Vovó comanda legião paranaense do tênis de mesa*”, a palavra vovó conota um sentido de pouca importância aos jogos paralímpicos e à atleta em questão. É um eufemismo a uma pessoa idosa, que tende a domesticá-la, torná-la apazível – a tenista de mesa Maria Eloísa Passos que, como todo paralímpico, é uma atleta de alto rendimento. No título da quarta matéria analisada “*Jogos potencializam passatempo*”, imprime-se também, ao paradesporto, uma situação de pouca importância e inferioridade. Nestas duas matérias, principalmente na quarta matéria analisada, sugere-se que o paratleta compita para passar o tempo e nada mais, diferentemente da perspectiva normalmente abordada na cobertura midiática de outras competições, como por exemplo os Jogos Olímpicos.

O jornal analisado noticiou que estaria levando uma equipe de seis pessoas para as Olimpíadas e que um desses jornalistas, a convite da Confederação Paralímpica Brasileira, cobriria os Jogos Paralímpicos, o que denota, também, um sentido velado de pouca importância aos jogos.

Percebe-se então, que nas matérias dois, três, quatro, seis, sete, oito e nove analisadas, o jornal apresenta o atleta como personagem principal, expõe sua deficiência

⁴ Técnica de redação jornalística que propõem ao redator responder as seis clássicas perguntas, ao redigir um texto: quem fez o quê, como, quando, onde e por que (LIMA,1998, p.21).



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

de forma não negativa, sem inferiorizar, e aborda pequenos contextos da experiência de vida dos personagens. Porém, em alguns momentos, nas matérias um e cinco, veicula uma ideia estereotipada e inferiorizada dos paratletas.

Segue-se agora à análise dos dois artigos do jornal Gazeta do Povo sobre os paratletas nas Paralímpias de Londres, em 2012.

01- Artigo: Super-humanos	Data da publicação: 29/08/2012 Autor: Adriano Ribeiro	O artigo mantém o estereótipo de super-humanos do paratletas, evidenciando a superação e, por outro lado, o sentido de piedade.
02- Artigo: Diferente, mas igual.	Data da publicação: 02/09/2012 Autor: Adriano Ribeiro	O autor, apesar de realizar um esforço para se “familiarizar” com o mundo das pessoas com deficiência, no título do texto apresenta-as como “diferentes”. No final expõe que é uma honra estar ao lado delas, reforçando ainda mais o sentido de diferença, admiração e piedade.

Tabela 2: Análise de dois artigos sobre atletas paralímpicos no jornal Gazeta do Povo.

No primeiro artigo analisado, escrito pelo jornalista da Gazeta do Povo em Londres, que tem como título: “Super-humanos”, o autor faz um convite para que seus leitores não deixem de acompanhar os “heróis” que estarão competindo nas Paralímpias de Londres, o que promove um estereótipo de superação e, ao mesmo tempo, de piedade.

Título: Super-humanos

No fim da mensagem: “(...) Esqueça tudo que você conhece sobre força; esqueça tudo que você conhece sobre os humanos; nos Jogos Paralímpicos, conheça os super-humanos”. O clima é esse. Eles farão tudo para protagonizar um evento único. Quem puder, não perca a chance de acompanhar estes super-humanos...

(ADRIANO RIBEIRO/GAZETA DO POVO, 29/08/2012).

No segundo artigo, que tem como título “Diferente, mas igual”, o correspondente da Gazeta do Povo afirma que é uma honra estar ao lado dos competidores paralímpicos, gerando novamente um sentido de superação, admiração e piedade dos paratletas, que são envolvidos por uma espécie de redoma que os separa do “mundo dos normais” por sua “diferença”. Essa separação entre “normais” e



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

“deficientes” é o que Goffman (1988, p.11) aponta como a criação de um indivíduo estigmatizado. No caso, expõem-se o atributo dele, que lhe é proposto por não fazer parte de um determinado grupo social. É desse atributo, de acordo com o autor, que surge o estereótipo. Desta forma, o indivíduo “que poderia ser recebido na convivência social diária, tem uma marca, um traço que pode fazer com que se afastem àqueles que os encontrem”(id).

Título: Diferente, mas igual.

No fim da mensagem: “(...) Enfim, como bem disse a nossa medalhista de prata Lúcia Teixeira (judô), “aqui você não está vendo essa ou aquela pessoa como deficiência, mas sim atletas desse ou daquele país”. E que honra poder esta ao redor deles (ADRIANO RIBEIRO/GAZETA DO POVO, 2012).

Para a compreensão do tema, buscou-se entrevistar⁵ o paratleta paranaense Claudiomiro Segatto, da equipe brasileira de tênis de mesa, para quem foi feita a pergunta: “Você se sente super-humano por conseguir chegar às Paralimpíadas? O atleta respondeu: “Não. Sou uma pessoa como qualquer outra. E há muitas pessoas não deficientes que têm dificuldades bem maiores do que as minhas na vida”.

Estudos anteriores centrados em Jogos Paralímpicos revelaram que a mídia tradicional tende a descrever as performances dos atletas com deficiência de forma relativamente consistente com o modelo médico. Dito de outra forma, estes atletas tendem a ser retratados como “vítimas” ou, em alternativa, como pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar em um evento esportivo. Este último estereótipo – o do super-herói - deixa a impressão de que a pessoa com deficiência, para se ajustar, terá de fazer algo extraordinário ou realizar um esforço heroico para compensar a sua limitação (SCHELL e DUNCAN apud NOVAIS e FIGUEIREDO, 2010, p.03).

A mídia, então, faz com que a sociedade sinta compaixão pelos paratletas e que eles sejam “símbolo de superação” para ela. De acordo com Moura, (apud FIGUEIREDO e NOVAIS 2010, p. 03) “tanto o olhar de piedade quanto o de admiração partem de um único princípio: o preconceito”. Os paratletas que se destacam nas paralimpíadas são vistos pelo público como figuras não humanas, “um pela sua

⁵ Entrevista realizada no dia 30 de agosto de 2013, às 10 horas na Associação dos Deficientes Físicos do Paraná, em Curitiba



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

história e seu modo precário de vida, como elemento sub-humano, o outro pelo inverso da mesma moeda – a deficiência- como um super-humano”, completa o autor.

Conclusão

Na análise aqui apresentada, percebe-se que o jornal Gazeta do Povo perpetua a ideia do estereótipo do super-homem, que a pessoa com deficiência é “diferente” e que o esporte paralímpico é um passatempo e, com isso, inferior ao esporte olímpico. Nesse sentido, o jornal reafirma o modelo médico de perceber os deficientes. Quando faz o convite para que o público venha a acompanhar os “super-humanos” que irão competir nas Paralímpiadas, o sentido proposto na mensagem é de que o deficiente venceu suas dificuldades físicas para subir ao pódio como um “doente recuperado”. As análises aqui expostas fazem refletir sobre a realidade do atleta paralímpico paranaense, seu contexto social, sua convivência com a sociedade e o relacionamento que ele possui com a mídia local, porque o jornal Gazeta do Povo, edição digital, dá visibilidade ao sentido de piedade, admiração e superação dos paratletas. O jornal, então, reafirma o modelo médico de perceber a pessoa com deficiência, modelo que, de acordo com os teóricos aqui mencionados, corrobora para a manutenção do preconceito sobre a pessoas com deficiência, representadas, no contexto estudado, pelos paratletas.

Referências bibliográficas

Artigos

- DEVINE, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(1), 5-18. American Psychological Association. doi:10.1037//0022-3514.56.1.5
- FIGUEIREDO, Lisette Fernabdes. – A nota jornalística no Jornal do Brasil: um estudo do gênero textual e de sua função no jornal. 2003
- FRANCESCHIN, Felipe. – Notícias e reportagens: sutis diferenças. Comum, Rio de, 2004 –
colegiodna.com.br
- MOTTA, Artur. Questões teóricas da pesquisa quantitativa. 2003.



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil – 28 de outubro a 01 de novembro/2013

NEVES, Jose Luiz. Pesquisa qualitativa – Características, usos e possibilidades.

Cadernos de pesquisa em administração, São Paulo, V.1, nº 3, 2º sem./1996

PEREZ, Vanessa Silva – Pessoa com deficiência = pessoa incapaz? Um estudo acerca do

estereótipo e do papel da pessoa com deficiência no mercado de trabalho –

Apresentado

no Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades - Niterói RJ:

ANINTER-SH/ PPGSD-UFF, 03 a 06 de Setembro de 2012, ISSN 2316-266X

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e

Serge Moscovici. Porto Alegre 2000.

Livros

GOFFMAN, Erving. Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.

Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1988.

LUCKMANN, Thomas; BERGER, Peter. A Construção Social da Realidade. 2002

LIMA, Edvaldo Pereira. O que é Livro Reportagem. São Paulo: Brasiliense. 1998

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais – Investigações em psicologia social-2000.

Editora vozes. 9ª edição

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. Psicologia Social. Petrópolis.

Ed. Vozes. 1999.

Página na WEB (home page)

GAZETA DO POVO. Conteúdo Gazeta do Povo. Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/blog/inclusilhado/?id=1291815&tit=conheca-os-atletas-paraolimpicos-que-sao-esperanca-do-brasil-em-londres-2012>

Acesso em: 24/05/2013.

<http://www.gazetadopovo.com.br/blog/inclusilhado/?id=1291815&tit=conheca-os-atletas-paraolimpicos-que-sao-esperanca-do-brasil-em-londres-2012>

Acesso em: 24/05/2013.

NOVAES, Rui A.; FIGUEIREDO, Tatiane H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. LOGOS 33 - Comunicação e Esporte. Vol.17, Nº02, 2º semestre 2010. Disponível em:

<http://www.revistas.univciencia.org/index.php/logos/article/view/7213/6713>

Acessado em 25/02/2013.

NOVAES, Rui A.; FIGUEIREDO, Tatiane H. Atletas com deficiência na Mídia – A cobertura noticiosa dos jogos Paralímpicos de Atlanta e Pequim nas imprensas portuguesa e brasileira. Apresentado ao ST8 “jornalismo” do CONFIBERCOM 2011.

Disponível em: <http://confibercom.org/anais2011/pdf/354.pdf> Acessado em 25/02/2013.



Ciclo de Debates sobre Jornalismo

Brasil - 28 de outubro a 01 de novembro/2013

PEREIRA, Olga; MONTEIRO, Inês; PEREIRA, Ana Luísa. A visibilidade da deficiência. Uma revisão sobre as Representações Sociais das Pessoas com Deficiência e Atletas Paralímpicos nos *media* impressos. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXII, 2011, pág. 199-21. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9907.pdf> Acessado em: 25/02/2013